

# HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

## INTRODUÇÃO

Ao retomarmos o estudo da Proposta Curricular de Santa Catarina, elaborada em 1991, buscamos nas discussões, tanto no grupo multidisciplinar como com os professores<sup>1</sup> que vêm trabalhando com História da Educação, referências para uma releitura crítica desta prática educativa, contribuindo assim para a melhoria da qualidade do ensino desta disciplina.

Desde as discussões iniciais em 1991, temos a clareza de que esta proposta não pode ser vista como um modelo pronto e acabado, mas como referência para a produção do trabalho que se dá no dia-a-dia dos educadores que atuam no curso de magistério.

Nos diversos momentos de estudo foi possível rever os eixos fundamentais que compõem a proposta, aprofundando questões que apresentam dificuldades, muitas das quais oriundas do convívio prolongado com visões tradicionais baseadas numa perspectiva linear da História, que repercutem na compreensão da História da Educação.

Este documento sistematiza tais discussões, incorporando as preocupações dos docentes, aprofundando questões metodológicas e, principalmente, fortalecendo seus pressupostos norteadores que permanecem, substancialmente, de acordo com a primeira versão. As modificações incluídas nesta etapa referem-se a aspectos que facilitem uma maior compreensão da proposta, bem como ampliam e atualizam a bibliografia básica para o estudo a ser desenvolvido pelos professores e alunos do curso de magistério.

## REFLEXÕES PRELIMINARES

Um dos grandes desafios que se apresenta para o educador do curso de magistério, que forma professores para atuar prioritariamente em escolas públicas, é oferecer instrumentos para estudo, análise e compreensão da sociedade contemporânea, onde a exclusão crescente de direitos e condições dignas de sobrevivência impossibilita grande parcela de homens a realizarem sua cidadania.

Esta situação de exclusão vem produzindo-se ao longo da história: tem-se disseminado a proposta política de um “Estado Mínimo” que o desobriga de seus deveres para com os cidadãos, remetendo para o mercado a função de regular e garantir o acesso à saúde, à segurança, à educação, entre outros, que são direitos fundamentais pelos quais todos nós lutamos.

A implantação deste projeto neoliberal vem com a promessa da estabilidade monetária e política e de uma suposta governabilidade democrática, sendo que para os neoliberais, democracia

*(...)é simplesmente, um sistema político que deve permitir aos indivíduos desenvolver a sua inegável capacidade de livre escolha na única esfera que garante e potencializa a referida capacidade individual: o mercado. (...) De certa forma a crise é produto da difusão ( excessiva aos olhos de certos neoliberais atentos) da noção de cidadania. Para eles, o conceito de cidadania em que se baseia a concepção universal e universalizante dos direitos humanos (políticos, sociais, econômicos, culturais etc.) tem gerado um conjunto de falsas promessas que orientam ações coletivas individuais caracterizadas pela improdutividade e pela falta de reconhecimento social no valor individual da competição (Gentile, 1996).*

<sup>1</sup> Quando nos referimos a homens, educadores, alunos... estamos considerando a questão de gênero. O correto seria mencionarmos sempre os dois sexos, se não o fazemos é apenas para resguardar a estética do texto.

Os meios de comunicação concorrem para a difusão deste discurso neoliberal, incorporando à linguagem cotidiana da população conceitos como modernização, terceirização, globalização, privatização, dando a impressão homogeneizante da sua supremacia em relação a propostas que defendem uma concepção coletiva e solidária.

Estas proposições aparecem claramente nas políticas públicas em vigência nos diversos setores, notadamente nas áreas dos benefícios sociais:

*(...) no que diz respeito às políticas sociais, a referência básica é igualmente o livre mercado. Os programas e as várias formas de proteção destinados aos trabalhadores, aos excluídos do mercado e aos pobres, são vistos pelos neoliberais como fatores que tendem a tolher a livre iniciativa e a individualidade, acabando por desestimular a competitividade e infringir a própria ética do trabalho. (...) enfim, considera-se que os recursos públicos estimulam a indolência e a permissividade social (Azevedo, 1997).*

A implantação das políticas neoliberais na educação pública é contraditória e desagregadora, pois ao mesmo tempo que prega a descentralização das ações, transferindo algumas responsabilidades que eram de órgãos centrais, concentra o poder de decisão e fiscalização, o que distancia cada vez mais o poder público das suas responsabilidades sociais.

Neste contexto as escolas são organizadas e de maneira geral difundem tais concepções de mundo, de sociedade e de homem através de sua ação educativa.

A prática educativa que defendemos precisa contribuir para desvendar e compreender estas relações, bem como o modo de organização da sociedade onde vivemos; precisa estar comprometida com aqueles que vêm sendo excluídos, inclusive do acesso ao saber; deve estar pautada no entendimento da escola como espaço de inclusão, que tenha compromisso claro com a socialização do conhecimento organizado e acumulado historicamente.

Esta realidade nos leva a pensar na escola pública como lugar de resistência, onde o conhecimento ali veiculado capacite os alunos a contestar toda forma de exclusão: seja ela a partir de políticas públicas neoliberais que favorecem a competição e o individualismo, seja pelo descaso do poder público com os problemas sociais do nosso tempo.

É importante que o professor (...) compreenda o processo através do qual a realidade brasileira foi e está sendo produzida, para que possa identificar os seus determinantes e transformar essa descoberta num eficiente instrumento de interpretação e de reflexão sobre os problemas educacionais brasileiros (Xavier, 1994). E neste processo, professores e alunos vão compreendendo o espaço que ocupam como seres históricos, envolvidos numa prática pedagógica também situada historicamente.

Torna-se fundamental que estas questões sejam amplamente discutidas no âmbito escolar, principalmente com os alunos, não apenas porque amanhã serão professores, mas sobretudo porque, como diz Freire(1996), nenhuma transformação político-social do mundo se concretiza, se não parte de uma compreensão de homem e de mulher enquanto seus fazedores da história e por ela feitos, seres de decisão, de ruptura, de opção, seres éticos. A grande força sobre a qual alicerça-se a ética universal do ser humano não é a ética do mercado na perspectiva do lucro, mas ética da solidariedade humana. Desta maneira, amplia-se a compreensão da sociedade na qual a escola está inserida, sendo fundamental que a ação pedagógica propicie críticas que resgatem os valores éticos e ações de solidariedade, possibilitando uma efetiva participação social.

## REAFIRMANDO OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS

No estudo da História buscamos uma concepção que permita compreender a produção dos sujeitos históricos num tempo e espaço marcados pelas determinações sociais.

Entendemos que a História da Educação é parte deste contexto maior, uma vez que a educação se desenvolve na sociedade, a partir das relações dos homens que, construindo-a, constroem-se também.

Para entender a História da Educação faz-se necessário abordar as várias correntes que permearam a História.

A concepção positivista baseia-se no modelo mecanicista. Sua principal característica é a objetividade. *A reflexão teórica, em particular filosófica, é inútil e até prejudicial, porque introduz na ciência positiva um elemento de especulação* (Schaff, 1983). O historiador nesta visão deve ser totalmente imparcial, não comprometido, objetivo, preservando a neutralidade mais absoluta a despeito de qualquer condicionamento social.

Para os historiadores que defendem a corrente do presentismo a história é sempre inacabada. O passado é reconstruído através de um dado presente, usando o ato da imaginação, aproximando-se assim mais da arte do que da ciência. (...) *na tese presentista – toda a história é contemporânea – baseia-se na tese da filosofia do espírito, segundo a qual tudo o que constitui a história é produto do espírito* (Schaff, 1983).

Contraopondo-se a estas correntes, o Materialismo Histórico propõe uma nova visão do homem como sujeito.

*(...) o materialismo histórico entende ultrapassar ambas as concepções ao ressaltar que o homem faz a História nas condições dadas pela História: ao mesmo tempo que os homens são livres e criativos, são também enraizados. Há, pois, que se considerar a relação dialética entre sujeito e objeto no processo do conhecimento. Assim, o historiador não parte dos fatos e sim de materiais históricos, fontes com a ajuda das quais constrói os fatos históricos* (Buffa, 1990).

Os estudos da História da Educação pautados nesta última concepção contemplam análises significativas das lutas dos educadores na construção da educação brasileira, nos seus diversos momentos. Sempre vendo a educação vinculada à sociedade, esta determinando aquela e lhe dando sentido. Neste movimento histórico estabelecem-se as relações explícitas da sociedade e da educação. Nesta perspectiva refutam-se as posturas segundo as quais os fatos históricos são vistos como prontos e acabados, com valor em si mesmos, admitindo-se que um amontoado de fatos bem documentados são suficientes para fazer a história.

As pesquisas desenvolvidas na área de História da Educação brasileira têm demonstrado que nem sempre deu-se a ênfase devida à relação História-História da Educação.

Inicialmente esses estudos eram de caráter descritivo, trazendo aspectos ligados à legislação e administração da educação, com abundância de dados estatísticos. Seguiu-se uma fase em que se enfatizou a análise das idéias educacionais, principalmente aquelas ligadas aos educadores do início da República, alcançando no princípio do presente século as discussões entre os renovadores do ensino e contra eles os católicos conservadores. Esta abordagem foi sendo substituída por outra que priorizava temas relacionados aos estudos da educação e da sociedade. A análise da educação nos quadros da vida social mais ampla possibilitou uma visão de Educação para além dos seus elementos internos, favorecendo a abertura de novos focos de análise.

Com o surgimento das análises marxistas, houve um enriquecimento deste enfoque: a educação passou a ser vista não mais como aspecto isolado, mas como elemento constitutivo do todo social. A História da Educação, nesta perspectiva, deixa de ser ensinada como um repasse de dados e fatos descontextualizados e incorpora análises da sociedade que permitem ao aluno uma compreensão mais crítica da forma como a educação brasileira construiu seu percurso histórico.

No momento presente é possível perceber o surgimento de discussões significativas na área, que apontam para a necessidade de se incorporar novas referências explicativas dos estudos históricos, que nos afastem das cristalizações do mecanicismo. É importante estarmos atentos a estas discussões, que se apresentam polêmicas, exigindo cuidados, como nos adverte Warde (1990):

*(...) as especializações da História revelam, ao mesmo tempo a busca crescente da cientificidade, na medida em que os historiadores vão tentando apreender o real histórico na sua multiplicidade e com isso vão incorporando dimensões do real aprisionados em outros campos do conhecimento, mas revelam também a arriscada perda de referência do real histórico como totalidade.*

Por outro lado, é importante que estejamos predispostos a procurar o apoio de outras fontes de pesquisa, sugerir temas, provocar interrogações e *desnaturalizar o que é dado por assentado* (Warde, 1990).

Atualmente tem crescido o número de pesquisas onde aparecem as preocupações dos pesquisadores com a análise do que ocorre nas relações sociais cotidianas no interior dos vários espaços educativos. Tais estudos trazem elementos que possibilitam a compreensão ampliada de outros significados atribuídos à ação escolar. É possível afirmar que o conhecimento mais profundo do que ocorre no dia-a-dia dos lugares onde se dá a prática educativa torna-se fundamental para que se possa compreender as questões mais amplas que se colocam aos educadores.

Neste contexto a pesquisa histórica se apresenta como um campo fértil na investigação deste cotidiano, trazendo contribuições fundamentais para a reflexão e compreensão de questões contemporâneas.

*Tradicionalmente, a produção de pesquisas na área da História da Educação tem se pautado, por um lado, pelo estudo das transformações do ideário político pedagógico dominante – para isso, a ênfase recai sobre o estudo dos mais eminentes intelectuais de cada época – e, por outro, por mudanças ocorridas ao longo do tempo na instituição escola (Galvão, 1996).*

Neste sentido são recentes os estudos que refletem o acompanhamento dos debates que se travam na direção das muitas possibilidades de leitura da história e da educação, porém estas abordagens vêm propiciando um diálogo fecundo para o avanço de ambos os campos, contribuindo para a ampliação das pesquisas históricas.

Neste debate se enriquece todo o processo pedagógico, pois alunos e professores podem avançar numa prática pedagógica sempre em movimento, mediada pelas novas pesquisas que vêm sendo realizadas nessa área de conhecimento.

## ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A concretização da proposta de ensino para História da Educação que possibilite aos professores o desenvolvimento de trabalho crítico e não linear exige um caminho metodológico claro e consistente. Porém, que não seja um receituário fechado sem significado para o aluno.

Queremos uma proposta que negue esta postura e se encaminhe numa perspectiva dialética onde o conhecimento vai se produzindo num processo dinâmico e participativo.

Existem questões específicas do ensino de História da Educação que merecem um detalhamento maior, haja vista a sua importância para garantir a coerência metodológica com os pressupostos da proposta que está sendo produzida pelos docentes da disciplina.

Há consenso entre docentes de que existem fragilidades no encaminhamento de alternativas metodológicas que se contraponham às propostas tradicionais. E isto se dá porque muitos professores, quando inseguros quanto aos caminhos a seguir, preferem referendar-se unicamente nos livros didáticos da área, que na sua maioria apresentam-se presos ao tempo linear, construindo relações de conteúdos a partir de uma perspectiva acrítica, e contribuindo para uma concepção também acrítica da sociedade, que passa a ser aceita como pronta e acabada, portanto impossível de ser transformada.

Contrapondo-se a esta postura sentimos a necessidade de reforçar questões que nos parecem centrais para o entendimento de um posicionamento que avance para além da “adoção” de um livro de História da Educação.

Falando das propostas para o ensino de História da Educação, Lopes adverte que o primeiro ponto a ser evidenciado é o caráter evolucionista ou etapista apresentado nos programas da disciplina. *A História da Educação nessa concepção vem a ser uma série de etapas que se sucedem, num desenrolar temporal único. Estuda a evolução das instituições escolares, dos métodos pedagógicos e das doutrinas pedagógicas (Lopes, 1984).*

Os estudos e discussões que temos feito quando pensamos no ensino da disciplina da História da Educação apontam para a necessidade de ultrapassar este enfoque metodológico, pois, além da fragmentação, esta História traz parcialidades que, destacando determinados momentos históricos, põe em evidência situações e fatos atribuídos aos vencedores, omitindo, descaracterizando ou manipulando momentos significativos vividos pelas populações que de fato vêm fazendo a história.

Então, como superar esse percurso etapista?

Esta questão representa uma das mais difíceis de concretizar no dia-a-dia da escola. As experiências de docentes que vêm trabalhando nesta perspectiva comprovam que é possível superar este impasse. Porém, ainda são significativas as dificuldades apresentadas por muitos professores atuantes na disciplina, os que ainda não conseguem trabalhar com a temporalidade além da maneira linear.

Lopes apresenta uma alternativa de superação desta dificuldade quando diz que é possível, com uma visão clara da problemática da educação hoje, buscar na trajetória histórica as suas causas, **puxando um fio histórico que possibilite estar no hoje e no ontem**, estabelecendo as relações espaço e tempo acompanhado pelos determinantes sociais (Lopes, 1984).

À medida que puxamos este fio, ele poderá nos conduzir para os diferentes momentos vividos pela escola, nos diferentes momentos da História da sociedade brasileira. Seria o que chamamos de **ir e vir histórico**, ou seja, vamos construindo o percurso sem necessariamente seguir uma direção cronológica e linear. Vamos e voltamos no tempo de acordo com a necessidade apresentada, sendo o foco temático o condutor do estudo.

Este ir e vir do presente ao passado, tendo o presente como ponto de partida e de chegada, leva-nos à compreensão da produção da História e a problematizar as situações vividas pelos homens e mulheres nas diferentes épocas, relacionando-os com os momentos hoje vividos por eles. Esta construção presente /passado/ presente<sup>2</sup> articulando e analisando os principais momentos que produziram a educação brasileira, podem possibilitar, no processo de aprendizagem dos alunos do curso de magistério, a percepção dialética da realidade educacional brasileira, superando a narrativa dos fatos isolados e descontextualizados e possibilitando condições para que o aluno possa ter uma compreensão mais ampla da educação.

Uma questão daí decorrente é a contextualização da educação, ou seja, a relação educação e sociedade. Muito se tem falado sobre esse “lugar” da educação na sociedade. Esperamos que não restem dúvidas entre os educadores de que (...) *a compreensão adequada do que se passa na escola só é possível a partir do conhecimento da sociedade em que se situa essa escola* (Buffa, 1990).

Porém, esta certeza não se traduz facilmente nos programas escolares: muitos deles apenas “mencionam” dados do contexto.

Em muitos momentos a educação foi tratada a partir do seu próprio eixo, pensada com certa autonomia em relação à História, como se pudessem existir situações educacionais que não fossem também históricas. Nesta direção, a História da Educação se ocupava das “coisas da educação”, desconsiderando a relação fundamental com a História.

Desta maneira acreditamos estarem aí apontadas as dificuldades de analisar a escola numa perspectiva mais abrangente. Por isto é possível dizer que:

*(...) o esforço em avançar no trato concreto da trajetória histórica da educação no Brasil ainda traz a marca do tratamento setorizado daquilo que é tomado como determinações econômicas, sociais e político-ideológicas e a educação propriamente dita. Praticamente o que se constata é a adição, ou se se quiser, justaposição de traços contextuais históricos e os traços caracterizados da educação* (Warde, 1984).

Então, ao pensarmos em cada momento da História da Educação estamos pensando num momento histórico maior, isto é, a História de homens nas lutas, suas resistências, suas permanências e seus avanços.

Assim vemos a (...) *Educação como uma de suas manifestações, em suas peculiaridades do momento político ideológico e assim deve ser explicada historicamente no que se refere aos sujeitos nele envolvidos, aos currículos, às instituições que a realizam, à linguagem que nela incide, e assim por diante* (Warde, 1984).

Neste sentido o professor de História da Educação precisa apropriar-se de uma sólida instrumentação metodológica que lhe garanta o entendimento do **o que**, do **por que**, e do **para que** trabalha, seus determinantes e sua importância no processo pedagógico, onde está inserida a dinamicidade da realidade humana.

<sup>2</sup> Para aprofundar o entendimento das concepções de História, recomendamos a leitura do documento da Proposta Curricular, onde estas questões estão amplamente desenvolvidas.

## ALGUMAS ESCOLHAS DIFÍCEIS

Quando nos defrontamos com a difícil tarefa de pensar um programa de História da Educação, é corrente entre os professores da disciplina as questões: de onde partir? como escolher um caminho não linear? neste caminho que recortes seriam possíveis e com que critérios? como encaminhar a disciplina na escola?

Sabemos que são opções difíceis, pois são diversos os caminhos, dependendo das concepções em que nos pautamos. Mas é preciso escolher, mesmo que as escolhas possam parecer arbitrárias: por que este caminho e não outro? Esta questão aparece sempre nas discussões com os professores da disciplina, porém é preciso optar e defender esta escolha. O que nos parece fundamental é resguardar que ela não nos leve a uma abordagem panorâmica e superficial, reduzida somente aos fatos da História.

Com tais preocupações avivadas, e a partir de relato de experiências e reflexões com professores da área, decidiu-se por reafirmar as questões:

- Considerando a amplitude de que se reveste o estudo da História da Educação, o leque de alternativas a partir dos quais é possível a compreensão deste fenômeno, através dos tempos, e não sendo possível abarcar todo o universo, optou-se por colocar a ênfase do programa na **história da escola**. Através da compreensão do percurso histórico desta instituição, os professores poderão dispor de subsídios para entender o seu desempenho social atual aprendendo de forma crítica a função da escola, enquanto colaboradora tanto na manutenção e reprodução da estrutura social, como também na transformação dessa mesma estrutura.
- Para avançarmos em relação à superação do “etapismo” procuramos organizar o conteúdo a partir de **temas** representativos do momento histórico em estudo, possibilitando assim a ampliação da análise, num ir e vir histórico articulando as manifestações da educação escolar no seio do movimento histórico da sociedade.
- A escola deve ser pensada na sua inserção numa sociedade globalizada, com propostas que continuem excluindo as crianças das camadas populares, tanto pelo número insuficiente de escolas públicas como pela precária qualidade do ensino ali ministrado. Em consequência, permanecem altas as taxas de analfabetismo entre jovens e adultos, os quais vêem-se alijados do atendimento educacional. Levando em conta a reduzida carga horária da disciplina e a importância de garantir a qualidade do estudo, evitando a visão panorâmica, estabelecemos como prioritário o enfoque na **escola brasileira**, sem descontextualizar da realidade mundial. O estudo desta escola nos seus diversos momentos históricos possibilitará compreender as relações que determinam sua precariedade, podendo fornecer elementos de análise para a escola que temos hoje.
- É necessário conhecer nossa história recente, quer pesquisando em publicações, documentos, assistindo a filmes com conteúdos históricos relevantes, quer organizando seminários interdisciplinares de estudo com temáticas recentes que suscitem o debate sobre acontecimentos educacionais que envolvam alunos e professores, quer elaborando pequenas publicações sínteses das pesquisas dos alunos. São alguns indicativos das muitas possibilidades de que podem dispor alunos e professores para produzir uma proposta coerente, com uma perspectiva dinâmica da história.
- Vemos o professor como sujeito histórico comprometido com um conhecimento mais crítico do seu tempo, que busca, pesquisa e descobre, juntamente com seus alunos, novas maneiras de aprender a totalidade da qual são parte, pois quanto mais ele conhece, mais ele se compromete. Este comprometimento com a história poderá fazer com que o profissional da educação se engaje em movimentos que acontecem no contexto da escola, despertando também nos seus alunos o interesse pela participação social, exercendo realmente o seu papel de sujeitos da história. Assim, é importante que se incluam no programa novos materiais de estudo, aqueles colhidos nos eventos locais, possibilitando um envolvimento mais significativo dos alunos na realidade, acompanhando essas ações coletivas que produzem a história atual da localidade.

O delineamento desta proposta na disciplina História da Educação almeja não só oferecer subsídios para o avanço da prática pedagógica como também estimular o coletivo da Unidade Escolar a conhecer novas pesquisas que vêm sendo produzidas nesta área, e ainda levar a assumir o papel de pesquisadores permanentes.

Desta maneira a proposta de História da Educação para o curso de magistério pode continuar produzindo-se, sendo um instrumento orientador dos educadores que, ao trabalharem nesta perspectiva, resgatam a dimensão histórica do seu fazer pedagógico, produzindo assim a sua História e a História da Educação catarinense e brasileira.

## **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Na organização do conteúdo programático tivemos a preocupação de retratar as discussões que permeiam a presente Proposta.

Os livros didáticos de História da Educação tem apresentado relações de conteúdos de forma bastante centrada nos períodos históricos, mas sabemos que é possível propor alternativas diferentes a esta forma de apresentação. Muitos professores já vem trabalhando com temas, fugindo do enfoque tradicional.

Cada tema deverá ser trabalhado dentro da totalidade, permitindo ao professor a percepção das relações que se estabelecem entre os momentos históricos.

O conteúdo foi organizado em três grandes temas que por sua vez se subdividem em vários subtemas compostos por questões representativas dos momentos históricos marcantes da Educação Brasileira e Catarinense.

Apesar de correremos o risco de “parecer” que apresentamos o conteúdo programático “periodizante/linear”, preferimos optar por esta forma, visando um maior detalhamento destes momentos relevantes, os quais irão compor o programa de História da Educação para o curso de Magistério, subsidiando de modo mais amplo o planejamento do professor, conforme explicitamos abaixo:

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

### **. Os aspectos da realidade escolar brasileira e catarinense no contexto da educação geral e especial**

- O cotidiano da escola: análise dos principais problemas que envolvem a realidade escolar

### **. A instituição escolar: origem e função**

- Transição do feudalismo ao capitalismo
- A constituição do estado burguês e a escola na consolidação da hegemonia burguesa
- A escola e a difusão da concepção liberal de mundo na Europa
- Os jesuítas e uma escola para a conversão cultural do projeto eurocristão

### **. A escola e construção do capitalismo no Brasil**

#### **. A escola na Primeira República**

- Contextualização histórica da República Velha
- As reivindicações dos trabalhadores por mais e melhores escolas
- A visão da escola como “redentora da humanidade”
- As influências do escolanovismo no Brasil
- As novas exigências capitalistas em relação à escola

#### **. A escola na consolidação do capitalismo**

- Contextualização da Revolução de 1930 e as tentativas de instauração do capitalismo liberal no Brasil

- Redefinição da escola frente ao avanço do capitalismo
- O ensino profissionalizante para as camadas populares
- Os conflitos entre a escola pública e a privada
- O “manifesto dos pioneiros da educação nova”
- A organização do ensino público: a criação do Ministério da Educação e Saúde
- O projeto nacional-desenvolvimentista do Estado Novo e o controle exercido sobre os educadores
- A reforma Capanema e o ensino técnico

**. A escola no Estado Populista e a integração do país ao capitalismo internacional**

- Contextualização da expansão do imperialismo no Estado Populista brasileiro
- A política educacional nos governos populistas
- A ampliação da oferta escolar
- A luta pela escola pública e o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: escolanovismo X educadores católicos
- Os movimentos de educação popular na década de 60 e o desencanto pela escola
- A participação dos estudantes nos CPCs ( Centro Popular de Cultura)
- Os MEBs (Movimento de Educação de Base) e a participação da Igreja na política do País
- Os MCPs (Movimento de Cultura Popular) e a elevação cultural do povo

**. O Estado Autocrático e o controle da escola**

- Contextualização do Estado Autocrático e os interesses do capital internacional do País
- O papel da escola no projeto do Estado Autoritário
- Legislação do ensino e consolidação do ideário tecnicista
- A reforma universitária e a institucionalização do ensino profissionalizante de 2º Grau
- A seletividade da escola, retratada nos altos índices de evasão e repetência

**. A escola na transição para a democracia**

- Contextualização da superação do Estado Autoritário
- A escola na Nova República
- A crise do modelo educacional e o movimento dos educadores progressistas – SBPC e ANPED
- A nova LDB e as perspectivas da escola pública no Brasil
- Estado e educadores na construção de uma nova proposta curricular em Santa Catarina

**BIBLIOGRAFIA**

- AZEVEDO, Janete M. L. de. **A Educação como política pública**. Campinas: Autores Associados, 1997.
- BRANDÃO, Zaia (org). **A Crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996 (Coleção questões da nossa época; v.35).
- BUFFA, Ester. Contribuições da História para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. In: **Em Aberto**, Brasília; ano IX, nº 47, jul/set, 1990.
- CARMINATI, Fábila Liliá Luciano. **Conflitos e confrontos de mulheres professoras no movimento de greve**. Porto Alegre:UFRGS,1993 ( dissertação de Mestrado).
- DAROS, Maria das Dores. **Em busca da participação: A luta dos professores da rede pública de Santa Catarina pela democratização da educação**. São Paulo: USP, 1994 ( tese de Doutorado).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra,1996 ( coleção leitura).
- GALVÃO, Ana Maria Oliveira. Problematizando fontes em História da Educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 21 (2) : 99-118 jul/dez, 1996.
- GENTILI, Pablo (org). **Pedagogia da exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. Escola S. A. **Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: CNTE, 1996.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação e razão histórica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- IANNI, Otávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1992.



- KOCH, Zenir Maria. **Uma leitura da questão do fracasso na escola pública catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1989 (dissertação de Mestrado).
- LEAL, Elisabeth Juchem Machado & SILVA, Virginia Maria Figueiredo e. **Eleição de diretores escolares e constituição dos conselhos deliberativos: A experiência de Santa Catarina**. Florianópolis: INEP, 1988.
- LEGOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LOPES, Eliana M. T. **Perspectivas históricas da educação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MANACORDA, Mário A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MENDONÇA, A. W. Pollo Campo. A História da Educação Face à “Crise dos Paradigmas”. In: BRANDÃO, Zaia (org.). **A Crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- NIKITIUK, Sônia. **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 1996.
- NUNES, Clarice. Ensino e Historiografia da Educação: Problematização de Uma Hipótese. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, nº 1, jan/fev/mar/abr, 1996.
- \_\_\_\_\_. História da Educação Espaço do Desejo. In: **Em Aberto**, Brasília: Ano IX, nº 47, jul/set, 1990.
- PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Terra à vista ... e ao longe**. Florianópolis: UFSC, 1996.
- SAVIANI, Nereide. Educação Brasileira em Tempos Neoliberais. In: **Revista Princípios**. nº 47, mai/jun/jul, 1997.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SCHEIBE, Leda; et alii. **O Ensino de 2º grau no Brasil : Caracterização e perspectivas – Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: INEP/SEE/UFSC/UDESC, 1989.
- SOUSA, Ana Maria Borges. **Do espaço escolar às ruas: Um olhar sobre o movimento dos trabalhadores em educação de Santa Catarina**. Fpolis: UFSC, 1994 (dissertação de Mestrado).
- XAVIER, Maria Elizabete; et alii. **História da educação: A escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994 (coleção aprender & ensinar).
- VALLE, Ione Ribeiro. **Burocratização da educação: um estudo sobre o Conselho Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- WARDE, Miriam Jorge. Contribuições da história para a educação. In: **Em Aberto**. Brasília, Ano IX, nº 47, jul/set, 1990.
- \_\_\_\_\_. Anotações para uma historiografia da Educação Brasileira. In: **Em Aberto**. Brasília: Ano III, n. 23, set/out, 1984.

**GRUPO DE TRABALHO**

ANAMA EVE ALVES SOARES – FCEE  
ANA RITA DE SOUZA – 07 CRE  
ANCELMO PEREIRA OLIVEIRA – 09 CRE  
ANTONIO JERONIMO CORREA – SED/DIEF  
ANTONIO CARLOS SEBOLD – 22 CRE  
DARLI DE AMORIM ZUNINO -16 CRE  
JANE MOTTA – SED/DIEF  
MARILENE LAPOLLI – 02 CRE  
SENHORINHA DE JESUS PIT PAZ – SED/DISU

**COORDENAÇÃO**

JANE MOTTA

**CONSULTORA**

SONIA APARECIDA BELTRAME – UFSC